

# ENSAIO

CÓDIGO SECRETO

1120

TÓPICO

D

NÃO ESCREVA O SEU NOME OU QUALQUER FORMA DE IDENTIFICAÇÃO! NÃO ESCREVA O SEU CÓDIGO SECRETO NOUTRO LOCAL DESTE ENSAIO!

NÃO ALTERE O FORMATO DO TEXTO – Calibri 11, espaçamento 1.15, justificado. PODE USAR **NEGRITOS**, *ITÁLICOS* OU SUBLINHADOS.

Seria má ideia ligarmo-nos definitivamente à máquina de experiências?

Imaginemos, portanto, uma máquina de experiências que é de tal forma dotada de capacidades que nos permite viver numa realidade perfeita e experienciar todo o tipo de emoções e sentimentos positivos, segundo a vontade de quem tirará proveito dela.

Primeiramente, porque será isto relevante? Bem, assume-se que na realidade em que vivemos a existência e influência desta máquina são meramente especulações e portanto tendemos a encarar este problema com uma certa leveza e irrelevância, mas pense-se num mundo de tal modo avançado e equipado que a utilização desta máquina é não só possível como praticada e nos é imposto o poder de decisão: irá ou não fazer uso da máquina para se autoinduzir nos seus poderes?

Bem, antes de abrir qualquer tipo de discussão gostaria de esclarecer alguns conceitos fundamentais, destacando-se o conceito de realidade, o conceito de morte e aquilo que se encontra explícito aquando da ligação de uma pessoa à máquina. Para começar, considerarei realidade como a perspetiva que o indivíduo tem do ambiente em que se encontra inserido quando esse mesmo indivíduo não carece de evidências que se encontra naquilo que considera real, isto é, o indivíduo está certo de que a sua realidade é aquela em que se encontra. O conceito de morte será apresentado num sentido figurativo, em que o indivíduo não morre fisicamente, mas para a realidade na qual se encontrava inserido, por querer retirar-se a si mesmo dela. Por último, quando ao longo do ensaio me referir a ligar um indivíduo à máquina de experiências parto do princípio que essa ligação será de forma definitiva e não que a ligação poderá ser quebrada ou o indivíduo desligado da máquina.

Segundo Robert Nozick (autor do texto), seria uma péssima ideia ligar alguém a esta máquina. Eu, apresentando a minha perspetiva individual e singular, concordarei com Nozick neste ensaio, apresentando motivos a favor da tese que defendo e refutando eventuais críticas e teses adversas.

Da forma como o vejo, o argumento apresentado no texto pode assumir a seguinte estrutura:

- (1) *Se me ligar à máquina de experiências, então não posso querer fazer realmente certas coisas (podendo apenas ter a experiência de as fazer) e ser um certo tipo de pessoa (ter determinadas características psicológicas e valores, por exemplo);*

- (2) *Quero fazer realmente certas coisas (não tendo apenas a experiência de as fazer, mas fazendo-as realmente) e ser um certo tipo de pessoa (com determinadas características psicológicas e valores, por exemplo);*
- (3) *Logo, não me vou ligar à máquina de experiências.*

Eis a questão, muitos poderão afirmar que a primeira premissa, (1), que apresenta uma condicional é extremamente discutível. Poderão afirmar que o facto de a máquina produzir fielmente as emoções que pretendo sentir não me possibilitará sequer uma réstia de dúvida que será essa a minha verdadeira realidade. Logo, se creio que a realidade real é aquela na qual me insiro propositadamente por ação da máquina, serão todas as emoções e experiências que tenho por influência da máquina os verdadeiros constituintes da minha própria realidade. Poderão, logicamente, não ser os constituintes da realidade geral, onde se encontram todos os outros que optam por não se ligar a esta máquina para os quais o indivíduo seria um vegetal com fios, mas para o indivíduo que se encontra “manipulado”, a realidade perspetivada só pode ser aquela. O que é real e o que não é não passariam de uma percepção que o indivíduo tem sobre a realidade em que se encontra situado.

Se a máquina tem a capacidade de “falsificar” uma realidade na qual eu quero viver, não poderei ter conhecimento da decisão que tomei e de que vivo numa realidade alternativa, isto porque caso soubesse efetivamente que me encontro num mundo fabricado com falsas emoções e acontecimentos, este não seria um mundo ideal. E como posso saber eu que, num mundo ideal, não poderá haver qualquer tipo de dúvida sobre a realidade inerente às minhas emoções, experiências e ações? Porque um mundo no qual eu tivesse dúvida ou até mesmo certeza de tal aspetto, não seria um mundo perfeito. Nenhum de nós crê estar numa simulação, mas, por um só momento, acredite que está. Nada lhe parece significativo à sua volta porque, no final de contas, tudo se trata de uma realidade ilusória. Alguém que se ligasse à máquina com a intenção prévia de viver a sua vida “ideal”, não poderia sentir-se indiferente ao mundo que o rodeia e consequentemente à própria existência. Daqui, portanto, concluímos que alguém que se encontrasse ligado à máquina de experiências não viveria fora da realidade, mas mudaria o seu panorama de realidade.

Mas se isto é verdadeiro, porque não ligar-nos efetivamente à máquina de experiências? A resposta é simples, é que apesar de nos podermos efetivamente ligar à máquina e daí alterar a realidade na qual nos encontramos inseridos, cabe-nos a nós definir aquilo que queremos efetivamente fazer, e é aqui que se encontra o dilema. Tenho duas possibilidades (assumindo, claro, que tenho a liberdade de escolha necessária para que consiga realizar a ação), ou não me ligo à máquina, tendo que me contentar com os descontentamentos que o mundo do qual faço já parte me oferece, ou ligo-me à máquina, renunciando todo o contato que tenho com o mundo onde inicialmente me insiro e abraçando a realidade “fictícia” produzida pela máquina. Podemos então tornar estas ideias mais claras:

- (1) *Se me ligar à máquina das experiências então renuncio a todo o contato que tenho com o mundo inicial e abraço a nova “realidade” causada pela máquina;*
- (2) *Se não me ligar à máquina, terei de me contentar com o que o mundo inicial tem para me oferecer, incluindo todas as suas alegrias e tristezas, altos e baixos, etc.;*

- (3) *Ou me ligo à máquina ou não me ligo;*
- (4) *Logo, ou renuncio a todo o contato que tenho com o mundo inicial e abraço a nova “realidade” causada pela máquina ou contento-me com o que o mundo inicial tem para me oferecer, incluindo todas as suas alegrias e tristezas, altos e baixos, etc.*

O que temos de fazer agora, portanto, é ver qual das duas proposições constituintes da disjunção exclusiva presente na conclusão nos parece mais aceitável. Ora, renunciar a todo o contato que tenho com o mundo inicial é, no sentido figurativo da palavra, morrer para a realidade na qual estou inicialmente inserido. Estaremos nós dispostos a renunciar a tudo aquilo que nos fez pessoas e nos moldou e construi ao longo dos anos? Estamos dispostos a renunciar à nossa família, aos nossos amigos, ao tipo de pessoa que somos e a tudo aquilo que fizemos e poderemos querer fazer no nosso futuro nesta realidade atual e simplória?

Creio que não, e só por si já é esta razão satisfatória para se aceitar a segunda proposição (tome-se a disjunção exclusiva seguinte: ou A ou B, caso se comprove que A é falso, B terá de ser aceite como verdadeiro, tal processo verifica-se neste argumento), no entanto, e de forma a apresentar também um fator de suporte à disjunção exclusiva que proponho, irei afirmar a segunda proposição. Não nos parece um sacrifício substancial continuar a viver no mundo em que vivemos, afinal, é esta realidade que faz de mim quem sou e que me permite ter as características e traços físicos e psicológicos que tenho. Tenho as ideias que tenho porque assim me foi ensinado ou assim conclui com base nos fatores que me rodeiam. Tenho os traços físicos que tenho, porque foi assim que quis ser ou que o mundo e processos biológicos me tornaram. Não conseguimos desaliar esta conceção de corpo físico e mente àquilo que chamamos o “eu”. Sim, é verdade que o mundo em que vivemos tem inúmeros defeitos e é-nos apresentado um mundo em que tais defeitos não existiriam, mas seríamos nós quem somos se escolhêssemos viver em tal simulação? Após a ligação da mente à máquina esse tipo de dúvida não estaria presente, mas cabe ao indivíduo, consciente das implicações do processo, tomar essa decisão enquanto a dúvida ainda subsiste. Também este aspeto demonstra que ligar-se à máquina seria má ideia.

Mesmo tendo provado que alguém não obteria por voluntária e conscientemente ligar-se à máquina das experiências, vamos imaginar um cenário em que tal se verifica:

O Gabriel, homem com uma vida lastimável e deplorável, decide que não aguenta mais o sofrimento do mundo em que se encontra inicialmente inserido e, portanto, decide ligar-se à máquina das experiências. O Gabriel, que pretendia ter apenas emoções boas e que causassem êxtase na sua vida, programa a máquina para lhe dar apenas emoções boas. Eis o problema: não necessitará o conceito de “bom” o conceito de “mal” na mesma medida em que o que é alto apenas se assume como tal pela comparação ao que a si é menos ou, como usualmente lhe designamos, baixo? Ao ligar-se à máquina o Gabriel perde o acesso a toda a sua memória e sentimentos do passado, podendo apenas lembrar-se e sentir aquilo que lhe é propósitadamente incutido, portanto, poderá o Gabriel saber o que é estar feliz e alegre se nunca antes sentiu tristeza e dor? Eis a formulação do argumento apresentado:

- (1) *Se me ligar à máquina de experiências, perderei a noção dos inúmeros conceitos negativos que existem;*

- (2) *Se não tenho noção dos inúmeros conceitos negativos que existem, então não poderei classificar as sensações e emoções opostas às negativas como positivas;*
- (3) *Logo, se me ligar à máquina de experiências, não poderei classificar as sensações e emoções opostas às negativas como positivas.*

Isto implica que, no caso do Gabriel, aquilo que antes era uma vida a sentir dor e sofrimento passará a ser uma realidade com sentimentos que nem ele saberá descrever nem sentir da mesma forma que sentimos, não poderá estar alegre pois a alegria só é valorizada e reconhecida após momentos de tristeza, não poderá sentir paz, pois esta só é valorizada e reconhecida após momentos de tragédia e guerra, não poderá sentir amor, pois este só é assim chamado, classificado, valorizado e reconhecido quando se conhece também o ódio. Seria impossível retratar um mundo feliz e perfeito sem que (no mínimo) se conheçam os conceitos que o fazem triste e imperfeito. Logo, ao ligar-se à máquina de experiências o Gabriel não viverá no mundo que perspetivou, mas num mundo de contínuas emoções sem valor, gerando-se monotonia e banalidades. Parecem-nos assim inaceitáveis as consequências do uso desta máquina para a produção de um mundo perfeito e, assim, fica também o conceito da máquina de experiências em causa, pois não poderá promover o que inicialmente terá sido objetivada a promover. Podemos também, fazendo uso da conclusão do argumento anteriormente apresentado, explicitar o argumento apresentado neste texto da seguinte forma:

- (1) *Se me ligar à máquina de experiências, não poderei classificar as sensações e emoções opostas às negativas como positivas;*
- (2) *Se não puder classificar as sensações e emoções opostas às negativas como positivas, então viverei num mundo de apenas emoções monótonas e banais;*
- (3) *Logo, se me ligar à máquina de experiências, viverei num mundo de apenas emoções monótonas e banais.*

A conclusão, (3), mostra que seria efetivamente má ideia ligarmo-nos à máquina das experiências.

Poderão também outros argumentar que posso já viver num mundo que não representa a minha verdadeira realidade, mas uma realidade fictícia que, na minha realidade anterior, escolhi viver. Seria possível que todos vivêssemos já numa simulação, acreditando que não o fazemos. Afinal, é esta uma das condições da máquina das experiências: o indivíduo necessitaria de perder toda a consciência e percepção de uma vida anterior à máquina e assim usufruir da sua nova realidade. Mas, afinal, atentemos no argumento seguinte:

- (1) *Se me ligar à máquina das experiências, então não me será possível sentir qualquer tipo de sensação negativa;*
- (2) *No entanto, é me possível sentir sensações negativas;*
- (3) *Logo, não me encontro ligado à máquina de experiências.*

É um processo lógico fundamental! Afinal, qual seria o interesse de me ligar a uma máquina de experiências caso não me fornecesse isso alguma vantagem? Qual seria o interesse de sair de uma realidade inicial e morrer para tal, se o cenário novo no qual a máquina me inserirá será também ele repleto de maldade e dor? Que tipo de interesse teria em sair da guerra para me

inserir na guerra, sair da tortura para me inserir novamente na tortura? Creio que nenhum, não haverá razão para o fazer.

Fazendo uso da disjunção exclusiva já deduzida neste ensaio:

- (1) *Ou me ligo à máquina ou não me ligo à máquina;*
- (2) *Ligar-me à máquina é inaceitável;*
- (3) *Logo, não me irei ligar à máquina.*

Podemos concluir que a ligação de um indivíduo voluntaria e conscientemente à máquina das experiências seria inaceitável, uma vez que o indivíduo não quereria abdicar daquilo que é, enquanto ser físico, psicológico e pessoal e uma vez que a máquina das experiências não funcionaria como lhe fora imposto funcionar, antes pelo contrário, retiraria o pouco de sensações positivas que sentimos de tempo a tempo.

Concluo assim que um indivíduo não deverá ligar-se definitivamente à máquina das experiências.